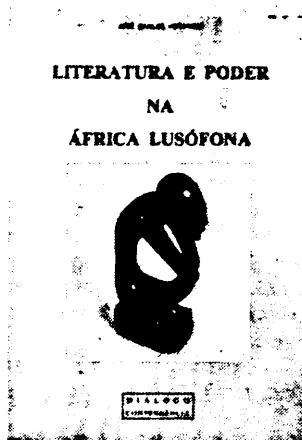


ÁFRICA

◆ LITERATURA E PODER NA ÁFRICA LUSÓFONA José Carlos Venâncio

Angolano que vem dedicando aos temas da África lusófona a sua actividade académica, o autor aborda aqui as literaturas emergentes desse espaço na perspectiva do seu posicionamento face aos poderes. Estudando tal experiência por comparação ao verificado nos territórios sob administração francesa ou inglesa,

Venâncio começa com uma introdução que constitui síntese do percurso literário africano, desde a sua génese sob influência europeia, passando por vários estádios — como o movimento Negritude e outros fenómenos que marcaram os «retornos às origens» —, para chegar a uma actualidade vincada pelas independências e pela constatação de que as utopias dese-



jadadas não conheciam modelo prático. Este percurso, tão penoso quanto por vezes épico, dos intelectuais africanos — que vai da perda de identidade até à independência política, tocando de passagem a procura de uma personalidade cultural e política através das afirmações nacionalistas — define-o em seguida o autor para o espaço que constituiu o império colonial português. Primeiro vistoriando a forma como apareceram as suas élites — muito antes do que em outras paragens —, defendendo o seu ponto de vista através de um atrevimento de análise a propósito das «características fundamentais da presença portuguesa em África» (que Venâncio aponta serem, nos primeiros tempos, «a miscigenação biológica e cultural») capaz de esta-belecer polémica. Da reivindicação puramente cultural às movimentações de teor social e político, são apontadas com cuidado as diversas experiências, com natural destaque para Cabo Verde e Angola.

No segundo capítulo é analisado o período pós-independência, realçando-se «a luta pela interiorização colectiva da utopia» e o impasse que se seguiu, despontando aqui os casos de Angola e Moçambique, numa fase em que a «reconsideração do passado» é referenciada como «tema na produção literária», mormente nas sociedades em que o dualismo cultural «já dá progressivamente lugar à consolidação de uma sociedade culturalmente crioula».

A segunda metade do livro é consagrada a entrevistas com escritores, oportunamente publicadas em vários órgãos de Imprensa e que aparecem algo deslocadas num trabalho com este título.

Em obra de cariz académico — que beneficiaria de reescrita com vista a leitura mais corrente —, ressalta a capacidade de síntese que faculta a abordagem do tema em poucas páginas. De fora ficaram as relações directas dos escritores com o poder, constituindo-se eles próprios muitas vezes em poder, numa promiscuidade que chegou, em Angola, a ditar sentenças de morte. Tal não se terá reflectido na sua escrita?

(Icalp, 1992, 128 págs.)